

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NAS BASES DO GERATIVISMO

Rafaelly Ferreira Bezerra¹
Mestra em Linguística – UFPB

Wasley de Jesus Santos²
Doutorando em Língua e Cultura – UFBA

Wilder Kleber Fernandes de Santana³
Doutorando em Linguística – UFPB

RESUMO

Neste artigo de revisão bibliográfica, objetivamos apresentar, em forma de notas introdutórias, apoiados em Chomsky (1957; 1965; 1976; 1995; 2009), uma síntese dos fundamentos teóricos do Gerativismo, como teoria mentalista e cognitivista. Sendo a linguagem um fenômeno que desperta o interesse da sociedade em geral, sua origem e sua natureza sempre foram a razão de inúmeras especulações. Assim, temos em vista o leitor iniciante dos estudos gerativistas e que deseja familiarizar-se com os conceitos básicos da Teoria Gerativa sobre a aquisição da linguagem humana. Entender, portanto, esse processo biológico de aquisição possibilita-nos, por exemplo, explicar as complexas estruturas gramaticais das línguas naturais e traçar glotopolíticas para sua difusão e ensino.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem. Gerativismo. Chomsky.

Introdução

Saber como a linguagem se constitui no ser humano tornou-se objeto de estudo da Linguística⁴ e, com o advento dessa ciência da linguagem, no século XX, várias áreas do conhecimento (Psicologia e Neurologia, além da Filosofia e da Sociologia, por exemplo) foram convergindo e dando suas contribuições sobre o que estaria por trás desse fenômeno tão particular da espécie humana.

O desenvolvimento de pesquisas relacionadas à origem e à natureza da linguagem quase sempre se deu sobre o sustento de uma base comparativista entre a linguagem humana e a “linguagem” animal. Não raras vezes, essas investigações tinham o objetivo precípuo de

¹ Endereço eletrônico: rafaellyfb@gmail.com

² Endereço eletrônico: wasleyjsantos@gmail.com

³ Endereço eletrônico: wildersantana92@gmail.com

⁴ Uma explicação histórica mais clara pode ser obtida no terceiro capítulo (Linguística como ciência) da obra de Bastos e Candioto (2007), bem como no último capítulo (A Linguística no século XX) da obra de Weedwood (2002), nas referências elencadas neste trabalho.

responder basicamente ao que caracterizava a linguagem humana e se os animais, tais quais os homens, possuíam linguagem.

Perguntas foram feitas. O que está por trás da linguagem? Seriam mecanismos externos ou internos os responsáveis por acionar essa capacidade no ser humano? O que os falantes teriam ou conheceriam para tal? E, com isso, uma nova hipótese passou a vigorar: a morada da linguagem passou a ser a mente humana. Tais indagações nos levam empiricamente a perceber que a linguagem é um fenômeno que desperta o interesse da sociedade em geral, e é por isso que a origem e a natureza da linguagem sempre foram a razão de inúmeras especulações.

Sendo assim, Chomsky, a partir da década de 1950, no contexto norte-americano, deu um novo enfoque aos estudos da linguagem. O cientista passou a descrever a linguagem como um sistema de conhecimentos radicados na mente do falante, o que colocou a linguagem sob o olhar das ciências cognitivas.

Os inatistas, como são chamados os adeptos do enfoque internalista⁵ dado à linguagem, a consideram como um órgão mental, localizado na mente/cérebro do indivíduo, e a veem como uma capacidade inerente à espécie humana, corroborando ideias defendidas por Platão e Sócrates⁶. De acordo com Silva (2008), assim são concebidas características metafísicas do saber:

SÓCRATES – O conhecimento preexiste no espírito do homem e a aprendizagem consiste no despertar desses conhecimentos inatos e adormecidos.

PLATÃO – [...] A alma está sujeita a metempsicose e guarda a lembrança das ideias contempladas na encarnação anterior que, pela percepção, voltam à consciência (SILVA, 2008, p. 2).

Tomando como base as falas de Sócrates e Platão citadas por Silva (2008), Chomsky fundamenta-se na filosofia para iluminar os pensamentos Inatistas do Gerativismo relativos à linguagem. Com isso Chomsky (1957)² desperta o olhar para a capacidade linguística criativa

⁵ Chomsky (1957; 1965) propôs que comportamento linguístico dos indivíduos deve ser compreendido como o resultado de um dispositivo inato, uma capacidade genética e, portanto, interna ao organismo humano (e não completamente determinada pelo mundo exterior, como diziam os behavioristas), a qual deve estar fincada na biologia do cérebro/mente, que se destina a construir a competência linguística de um falante.

⁶ Segundo Glenday (2008, p. 93), “Platão, através da figura de Sócrates, afirma que, “por ter nascido muitas vezes, a alma viu todas as coisas, não havendo nada que não tenha aprendido”. Ora, mesmo que, para efeitos de argumentação, aceitemos a premissa metafísica concernente à imortalidade da alma e à doutrina da metempsicose ou transmigração da alma, “cabe perguntar pela plausibilidade da tese de que alma conhece todas as coisas, ou, em outros termos, pelo que é plausível admitir ser conhecido de uma maneira inata” (GLENDA, 2008, p. 93).

do ser humano e mostra que o indivíduo produz e compreende palavras e sentenças nunca mencionadas por outros indivíduos. O que leva à fala de Sócrates quando ele menciona que o conhecimento preexiste no espírito do homem e a aprendizagem do sistema linguístico consiste no despertar do que está inato, reverberando também a fala de Platão acerca da alma está sujeita a metempsicose.

Somado a essas questões, começou a observar que a linguagem apresenta propriedades específicas como organização dos elementos morfológicos na estrutura sintática assumindo papel de Sujeito, Verbo e Complemento, formas verbais com padrão de flexão, por exemplo, e que o uso dos elementos linguísticos seria apropriado e dentro do contexto comunicativo ao qual o indivíduo estaria inserido.

Com isso, nota-se a partir da teoria gerativista que o contexto comunicativo serve como input que desperta o sistema linguístico considerado inerente ao ser humano e com isso o sujeito vai desenvolvendo e despertando as propriedades linguísticas pertinentes a linguagem.

Sendo assim, nosso propósito com este artigo é apresentar algumas considerações teóricas acerca das contribuições que o Gerativismo tem dado aos estudos sobre aquisição da linguagem, à luz do pressuposto teórico do Inatismo. Buscamos, de maneira geral, compreender as bases fundamentais do Gerativismo, tendo como seu teórico exponencial Chomsky.

A justificativa para este trabalho está no fato de que o pensamento chomskyano, no tocante à aquisição da linguagem, desperta um olhar diferenciado a respeito da aquisição da linguagem humana. No momento em que Chomsky apregoa o pensamento internalista acerca da linguagem, chama a atenção para algo que se passa na mente/cérebro humano e que traz discussões importantíssimas sobre o que desperta uma criança ao avanço impressionante em relação ao aprendizado da linguagem e formulação de sentenças durante o processo de interação verbal pela linguagem. Sabemos que não apenas a Linguística interessa-se pela maneira como os indivíduos adquirem a linguagem, mas também as Neurociências e a Fonoaudiologia. Entender esse processo de rupturas e novos trajetos teóricos possibilita, por exemplo, explicar as estruturas gramaticais das línguas e traçar políticas para sua difusão e ensino.

Este texto está organizado em duas seções, além da Introdução e das Considerações finais. Na primeira seção, resumimos alguns conceitos-chave do Gerativismo, em que aparecem, entre outros, a faculdade da linguagem e sua realidade biológica, o Inatismo, a

Gramática Universal e a distinção entre Competência⁷ e Desempenho. Em seguida, na segunda seção, traçamos um diálogo teórico entre Chomsky e outros autores acerca da aquisição da linguagem na perspectiva inatista.

Apresentação de alguns conceitos gerativistas

Ao mencionar a presença da Gramática Universal (GU)⁸, e a existência de princípios e parâmetros, a corrente gerativista abre possibilidades para pensar sobre a linguagem e o que possa estar relacionado a ela em termos precisos no que tange à linguagem e à formulação de estruturas linguísticas no ato comunicativo. O contexto comunicativo seria o gatilho para impulsionar a GU, levando em consideração os princípios e parâmetros arraigados nas línguas existentes. Desse modo, pensa-se que a criança nasce pré-programada e os princípios ou leis, que são gerais, regem a formulação das sentenças durante a produção da fala. Nesse caso, a criança fixaria os parâmetros correspondentes a língua em foco⁹.

Conforme Quadros (2007) explica, a

(...) linguagem, nessa concepção, não pode ser confundida como um tipo de habilidade. É justamente o uso criativo da linguagem que evidencia que não é uma questão de habilidade que entra em jogo quando uma pessoa utiliza a linguagem. Esse é o principal argumento e talvez o mais contundente de Chomsky em sua crítica à teoria comportamentalista desenvolvida por Skinner (...). Na obra *Language and Mind* (1968), Chomsky situa os estudos da linguagem no campo da cognição, posicionando-se contra tal corrente teórica, afirmando que a linguagem humana é diferente de tudo o que se pode ensinar por condicionamento (QUADROS, 2007, p. 26).

⁴ Para uma descrição detalhada sobre *competência linguística* e sua oposição a *desempenho linguístico*, ver Corrêa (2007) nas referências deste trabalho.

⁸ Por meio do conceito de GU foi possível, a Chomsky, promover uma simplificação entre a tradição racionalista no tocante aos estudos da linguagem e às ciências da mente modernas; a essa síntese ele chama de *Biolinguística*, que se caracteriza como sendo o resultado da evolução biológica do ser humano e sua capacidade genética para a linguagem. Assim, o linguista chega à conclusão de que essa Gramática Universal deva ser considerada a reunião dos genes responsáveis pelo desenvolvimento mental da linguagem humana. Com base nesse conceito simples de GU, é possível a cientistas formular muitas explicações interessantes em torno das várias semelhanças encontradas entre as línguas naturais que há no mundo, conforme exposto no sétimo capítulo da obra de Chomsky (2009) – *A biolinguística e a capacidade humana*.

⁹ Com base em Raposo (1992), uma das formulações mais interessantes propostas por Chomsky foi o modelo de “Princípios e Parâmetros”, segundo o qual, resumidamente, os homens nascem com uma GU composta, por um lado, por princípios universais pertencentes à faculdade da linguagem e, por outro, por parâmetros, também pertencentes a essa faculdade, cujos valores são fixados em [+] ou [-], à medida que o adquirente tem contato com a língua dos adultos em seus primeiros anos de vida, o chamado *input linguístico*.

Chomsky também desperta para as ideias de competência e desempenho¹⁰ em relação à linguagem e descarta a ideia de uma língua como produto de estímulos advindos do ambiente. Logo, o pensamento comportamentalista dos behavioristas cai em desuso. Em mesmas condições interpretativas, afirma Ferrari-Neto (2012) que,

os falantes de línguas humanas possuem um conhecimento linguístico que os torna capazes tanto de reconhecer como as palavras se combinam para formar uma frase e o sentido que decorre dessa combinação, atribuindo a essa frase uma estrutura hierárquica abstrata, quanto avaliar sua correção e boa formação [...]. Ao longo da história do gerativismo, esse conhecimento recebeu denominações diversas. Inicialmente, chamou-se de competência linguística, referindo-se ao conhecimento tácito que um falante possui sobre sua própria língua. O termo competência foi definido em contraste com o termo Desempenho (performance), usado para designar tanto o uso ou os produtos desse conhecimento em situações efetivas de comunicação linguística, quanto os mecanismos de percepção e processamento de linguagem que subjazem à Competência (FERRARI-NETO, 2012, p. 14).

Após as explicações sobre um breve percurso do gerativismo por Ferrari-Neto, passemos à discussão as adjacências do Gerativismo chomskyano. Este aborda a existência de uma Gramática Universal, a GU, que funciona como um dispositivo inato, um órgão mental, pronto para ser ativado e gerar as sentenças presentes nas línguas - é a capacidade humana de linguagem. O contexto comunicativo, portanto, funcionaria como *input* para ativar os princípios e parâmetros pertinentes à língua exposta. Nessas condições, um dos grandes questionamentos dos gerativistas é o que os seres humanos possuem e o que os torna capazes de obtê-los para fins característicos em uma língua natural, o que impulsiona Chomsky a atentar para uma maturação e aquisição autoprogramada¹¹ (QUADROS, 2007).

Esse apanhado teórico reforça mais ainda o caráter inato da língua. Ela seria um conjunto de representações mentais, o que faz o estudo da linguagem ter um olhar de dentro para fora e não de fora para dentro do organismo humano. Isso determina a linguagem como

¹⁰ De acordo com Kenedy (2013), esse conhecimento linguístico inconsciente que o falante possui sobre sua língua e que lhe permite essas intuições é denominado *competência linguística* – o conhecimento interno e tácito das regras que governam a formação das sentenças da língua. A competência linguística não é a mesma coisa que o comportamento linguístico de um indivíduo, aquelas sentenças que de fato uma pessoa pronuncia quando usa a língua. Esse uso concreto da língua denomina-se *desempenho linguístico* (também conhecido como performance), e envolve diversos tipos de habilidades que não são linguísticas, como atenção, memória, emoção, conhecimento de mundo etc.

¹¹ Para Lennenberg (1971), a linguagem desenvolve-se naturalmente até atingir certo nível de maturação física (período crítico). Nesse sentido, a aquisição da linguagem ocorreria, principalmente, a partir de 18 meses de idade, quando há uma interação entre a maturação e a aquisição autoprogramada. Após esse período, haveria uma diminuição progressiva dessa capacidade, que se extinguiria na puberdade. As ideias de Lennenberg são claramente percebidas na postulação feita por Chomsky (1995) de uma faculdade da linguagem na mente/cérebro do ser humano. Diferentemente de Lennenberg, no entanto, Chomsky (1995) compreende essa faculdade não apenas de forma biológica, mas também cognitiva.

algo não moldado pelo ambiente, mas que, a partir do seu *input*, um dispositivo inato, presente na mente do indivíduo, seria ativado e proporcionaria a ocorrência dessa capacidade comunicativa em decorrência da aquisição de uma língua.

Tomando como referência os estudos de Chomsky acerca da linguagem, Pinker (2004) se refere a ela como um instinto que nos leva a aprender, falar e compreender as sentenças da língua. O autor compreende que tratá-la nos moldes da aprendizagem, descartando que um evento tão genuíno e natural como é adquirir uma linguagem, acaba nos desprendendo do quão fascinante e espetacular é a aquisição de uma língua. A linguagem está tão intimamente entrelaçada com a experiência humana que é quase impossível se imaginar sem ela.

Não podemos deixar de notar como uma criança de três anos produz uma gramática tão complexa e multifacetada, pois muitas compreendem o posicionamento das palavras no momento que fala. Nenhum computador se assemelha a essa legítima habilidade comunicativa (PINKER, 2004) das crianças, pois estas possuem uma legítima capacidade complexa e especializada. Assemelha-se a uma arte independente, como algo que não necessita que o outro “ensine”, como escrever, aprender sobre semáforos e códigos matemáticos. O contato com seres da mesma espécie funciona como gatilho para despertar o funcionamento do órgão que é a linguagem, chamado assim por Chomsky (1965).

A capacidade criativa foi e é algo que desperta muita curiosidade em relação a outras espécies que chegam a reproduzir palavras, mas não ao ponto de agir sobre elas, criando novas sentenças, através das árvores sintáticas, somando-se aos princípios que são indicadores importantíssimos para formulações de novas sentenças, atrelados aos parâmetros que cada língua possui. Essa capacidade realmente faz-nos perceber a linguagem humana como sendo constituição biológica do cérebro humano, uma predisposição genética própria da espécie. Sobre isso, Pinker (2004) afirma que a

linguagem é uma habilidade complexa e especializada, que se desenvolve espontaneamente na criança, sem qualquer esforço consciente ou instrução formal, que se manifesta sem que se perceba sua lógica subjacente, que é qualitativamente a mesma em todo indivíduo, e que difere de capacidades mais gerais de processamento de informações ou de comportamento inteligente. Por esses motivos, alguns cognitivistas descreveram a linguagem como uma faculdade psicológica, um órgão mental, um sistema neural ou um módulo computacional. Mas prefiro o simples e banal termo ‘instinto’ (PINKER, 2004, p. 9).

Atento ao fato de a criança pequena ser capaz de adquirir um sistema gramatical tão complexo e de forma tão natural, com suas variações na estrutura, mas não ser capaz de

aprender artes plásticas, cálculos ou dança sem a ajuda de um adulto que a instrua, James (1999), citado por Pinker (2004), diz que é preciso uma mente pervertida pela aprendizagem para fazer com que o natural pareça estranho, ou seja, um indivíduo conseguir assimilar e formular sentenças ainda não ouvidas por ele e construir e desenvolver, a partir do ato comunicativo, as estruturas linguísticas de forma coerente com o contexto de fala ao qual está inserido. Além disso, é com Chomsky e com as contribuições da ciência cognitiva para os estudos da linguagem que o fenômeno da linguagem passa a ser visto como uma faculdade psicológica, um órgão mental, um sistema neural, módulo computacional e não mais como algo meramente provindo do meio (PINKER, 2004). A mente e o que se passa nela, em termos linguísticos, passaram a ter espaço em meio aos estudos da Linguística.

Com isso, desvinculando-se da perspectiva estruturalista na qual o meio é visto como fator preponderante na aquisição da linguagem, os gerativistas, apoiados na visão mentalista/inatista de linguagem, veem a aquisição como algo que parte da mente do indivíduo. O sujeito, de acordo com essa teoria, é visto como um ser geneticamente preparado para o fenômeno da aquisição.

Nesse sentido, mediante Raposo (1998),

[...] a criança é, durante essa fase de aquisição, um “pequeno cientista” construindo hipóteses sobre as regras da sua língua que sejam compatíveis com os dados gramaticais a que vai sendo progressivamente exposta, e eliminando aquelas que se revelam incompatíveis com dados novos. Se num dado momento dois sistemas de regras se revelam igualmente compatíveis com os dados, a criança utiliza a medida de avaliação, descartando-se o sistema mais complexo (RAPOSO, 1998, p. 53).

Ao refletir sobre as asserções de Raposo, Chomsky destaca que a gramática é como parte de uma herança genética e os gerativistas a colocam numa perspectiva descritiva de análise das expressões linguísticas. O foco, portanto, passa a ser o sistema linguístico, a estrutura e sequenciação das palavras, bem como a aplicação de regras transformacionais que geram as sentenças da língua. Nessa perspectiva, considera-se a gramática como um mecanismo finito que permite gerar um conjunto infinito de frases gramaticais (SILVA, 2008).

Aquisição da linguagem da perspectiva inatista

O modelo gerativista surge no final da década 1950 em contrapartida ao pensamento estipulado pela linguística estruturalista de Bloomfield, que tinha uma visão comportamentalista da linguagem. Esse modelo expunha um aparelhamento de estímulo-resposta e concebia a linguagem como algo externo ao indivíduo. O indivíduo, portanto, teria que ser exposto a estímulos que fossem ativando a capacidade reativa e, assim, surgiria a estruturação de elementos linguísticos numa sentença. Diante disso, Chomsky (2009) propôs a ideia de criatividade, o que torna um diferencial na maneira como as crianças iriam enxergar a linguagem a partir daquele momento. Ele alertou para a capacidade humana de criar sentenças infinitas dentro de um sistema linguístico.

A visão gerativista Chomskyana entende que a criança nasce com uma capacidade inata para adquirir linguagem e que há um dispositivo inscrito em sua mente (a faculdade da linguagem) que será ativado através do *input* – conjunto de sentenças as quais serão expostas – e esse dispositivo inato reconhecerá os elementos linguísticos pertinentes à comunidade na qual a criança foi inserida, acontecendo assim o *output* – produção de estruturas que serão emitidas pela criança. Na concepção de Borges Neto (2011), o

processo de geração de sentenças se inicia no componente sintático que tem a seguinte estrutura interna: um subcomponente de base (ou simplesmente BASE), que é responsável pela geração de estruturas profundas (EP) e um subcomponente transformacional, que converte as EPs em estruturas superficiais (ES). O subcomponente de base contém (1) um conjunto de regras de reescrita (chamado, por vez, de componente categorial) que, aplicadas ao axioma inicial S, gera estruturas em árvores “etiquetadas” com símbolos de categorias cujos nós terminais são preenchidos; e (2) um léxico, que insere itens lexicais nos nós terminais da árvore. A entrada (*input*) da BASE é o axioma S e a saída (*output*) são estruturas profundas (BORGES NETO, 2011, p.111).

Neste caso, é importante verificar a relevância da exposição do dispositivo inato ao modelo linguístico de uma comunidade de fala para que a aquisição da linguagem aconteça de maneira efetiva.

Em seguida, para historiarmos os estudos em aquisição, precisamos mencionar que, em meados de 1960, houve a grande divulgação do texto de Chomsky intitulado *Syntactic Structure* – o qual discutia a presença de um componente transformacional que faria total diferença no tocante à formação de sentenças e às infinitas possibilidades de criação que virão de cada uma. Borges Neto (2011) acrescenta que

As ideias de Chomsky só começaram a ser conhecidas pelos linguistas após a publicação de SS e, principalmente, após a longa resenha que Robert Lees, linguista que já possuía uma certa reputação junto à comunidade, publicou

em Language (Lees, 1957). Assim, a teoria desse período ficou conhecida como “teoria Syntactic Structures” (BORGES NETO, 2011, p. 99).

Com a evolução das investigações, os gerativistas reforçaram a ideia da existência de uma gramática caracterizada como um sistema de regras derivacionais\ sistema computacional. A noção de que uma sentença se transforma em outra por meio de regras que são aplicadas é superada pela ideia da existência de regras derivacionais que atuam nas sentenças e, portanto, geram as sentenças pertinentes à língua exposta. Borges Neto (2011) continua explicando que

A ideia básica é que uma sentença como *Pedro viu Maria*, bem como qualquer outra sentença da língua portuguesa, receba um conjunto de representações e que essas representações possam ser construídas, numa sequência, uma a partir da imediatamente anterior. Suponhamos que o sistema comece dizendo que *Pedro viu Maria* é uma sentença. A partir disso, o sistema deverá dizer como a sentença é construída por categorias sintáticas, expondo sua estrutura. Nossa sentença, por exemplo, é constituída por um sintagma (SN) seguido de sintagma verbal (SV); o sintagma verbal, por sua vez, é constituído por um verbo (V) seguido de um novo SN. Os SNs são constituídos por nomes próprios (N). (BORGES NETO, 2011, p. 103)

Após essa nova postura investigativa, a Teoria Gerativa viabiliza a gramática como um dispositivo inato presente na mente/cérebro do indivíduo e que oportuniza a ativação de Princípios e Parâmetros pertinentes ao sistema ao qual é exposto. É o que chamaram de Teoria dos Princípios e Parâmetros (P&P) A estrutura, portanto, é uniforme e variante. Nesse caso, os estudos se voltam para a ideia de princípios universais que viabilizam a ocorrência das várias línguas humanas. A fase da teoria P&P é um divisor de águas para o que entendemos hoje sobre a Teoria Gerativa, pois é por meio dela que a aquisição é vista como o crescimento e maturação da GU, que passa de um estado apenas parcialmente especificado (com parâmetros por fixar) para um estado completamente especificado (com parâmetros fixados), de acordo com Silva (2008) e Kenedy (2013).

Assim, vale salientar que os estudos provenientes da ideia da existência da GU na mente do sujeito falante sustentam as evidências de uma base cognitiva e biológica, como também a hipótese inatista arraigadas à Teoria Gerativa. Tais evidências são fundamentais para a reflexão de fenômenos que ocorrem durante a fase de aquisição, pois, tomando como ponto de análise a base cognitiva postulada, consideram-se as intuições que o indivíduo tem sobre a sua língua, diferenciando aquilo que seja gramatical ou agramatical nas sentenças dessa língua exposta. Conforme explicado antes, esse conhecimento tácito que possibilita as

intuições na língua foi chamado primeiramente de competência linguística¹² e como produto dessa competência ter-se-ia o desempenho. Desse modo, desempenho pressupõe competência, e não o contrário.

O julgamento de gramaticalidade e aceitabilidade também são pontos significativos na teoria. Eles nos mostram que, diferentemente do que apontava a Linguística com viés comportamentalista, a criança tem a capacidade de compreender o que é pertinente ou não à formação de uma sentença na língua à qual está sendo exposta, reiterando, por sua vez, a existência de um componente inato no cérebro que faz toda a diferença durante o processo de aquisição, segundo Fiorin (2012). O falante de qualquer língua natural tem um conhecimento inato sobre como os itens lexicais de sua língua se organizam para formar expressões mais e mais complexas, até chegar ao nível da sentença. Assim, entendamos que o léxico é como uma espécie de dicionário mental composto de itens lexicais que construirão nossas sentenças. Para Negrão; Scher e Viotti (2012),

Nossa competência nos permite ter intuições a respeito de como podemos dividir esse dicionário, agrupando itens lexicais de acordo com algumas propriedades gramaticais que eles compartilham. Essas propriedades nos levam a distinguir um grupo por oposição a outro. Assim, por exemplo, no processo de aquisição de nossa língua materna, sabemos, desde muito cedo, que um item lexical como *mesa* é diferente de um item lexical como *cair*. Uma criança logo diz *caiu*, mas nunca diz *mesou*. Isso indica que ela sabe que *cair* faz parte de um grupo de palavras – como *chorar*, *querer*, *papar* – que pode combinar-se com um tipo particular de sufixos, como *-ou*, *-eu*, *-iu*. Ao mesmo tempo, ela sabe que *mesa* faz parte de um outro grupo de palavras – como *cadeira*, *berço*, *brinquedo* – que, por sua vez, pode se combinar com outro tipo de sufixo (NEGRÃO; SCHER; VIOTTI, 2012, p. 81, grifos das autoras).

No tocante à semântica gerativa, esta apresenta uma tendência mais formal e direcionada àquilo que faz sentido ou não durante a criação das sentenças na língua. Por exemplo, é válido dizer “O cachorro bebeu a água” e não “A água bebeu o cachorro”. Por mais que gramaticalmente os elementos linguísticos estejam em posições corretamente consideradas pelas regras gramaticais, semanticamente essa sentença é impossível de ser aceita e reproduzida sem causar estranhamentos.

¹² Enfim, podemos salientar e resumir que a noção de competência linguística, desenvolvida por Chomsky (1976) em sua proposta de uma gramática gerativa, é abordada como um conhecimento mental e inato (virtual e abstrato) que o falante-ouvinte ideal possui da sua língua, relacionando-se com aspectos criativos e intuitivos de criação de sentenças, em que há um sistema de regras que demonstra aquilo que o falante sabe efetivamente de sua língua, sendo estas regras de caráter binário (em uma metáfora computacional), genético e universal (caracterizando uma gramaticalidade), numa abordagem mentalista com o objetivo de encontrar uma realidade mental própria ao comportamento efetivo do falante-ouvinte ideal.

Como dissemos, os fenômenos decorrentes da Competência foram de fato bem mais explorados pela Teoria Gerativista chomskyana, diferentemente dos atrelados ao Desempenho, que está relacionado ao uso da linguagem, à produção.

Tendo em vista essas ocorrências na língua, mais tarde, o que se chamou de competência passou a ser denominado de Língua-I, e o desempenho, de Língua-E. Isso seria o que temos como parte interna e externa da língua. A língua, portanto, seria o resultado da Língua-I + Língua-E, e o que interessou aos gerativistas, de fato, tendo em vista as propostas da Teoria Gerativa, foi essa parte interna que possibilita o ser humano compreender e produzir as sentenças da língua.

Com relação à base biológica e à hipótese inatista, vemos que o ser humano já nasce com a capacidade de se comunicar por meio de uma língua, a qual é intrínseca a sua constituição biológica. A linguagem, como já dissemos, está arraigada a sua constituição genética, é algo inato ao indivíduo. Desse modo, hoje, por meio das investigações do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), entende-se que a criança é um sujeito biológico em cuja mente há regras e princípios que maturam e, somado isso, crê-se na existência de operações computacionais responsáveis pela formação/derivação das sentenças da língua.

Sobre essa biologia da linguagem, já sabemos que ela é programada naturalmente em todos os indivíduos. Excetuam-se dessa discussão, os casos patológicos, como, por exemplo, o autismo, o qual afeta linguístico-cognitivamente o sujeito acometido por ele. Vale salientar que, para Maia (2015), a linguagem é um dos componentes da cognição humana, o que culmina na obtenção de conhecimento, obtenção do saber sobre si mesmo e sobre o mundo. Portanto, a ligação entre linguagem e cognição é imprescindível ao bom desenvolvimento do indivíduo e um maior ou menor comprometimento cognitivo pode interferir significativamente no curso da linguagem. Nesse contexto, estudos de Walenski *et al.* (2007) apontam a existência de comprometimentos nas bases neurais do autista que o impedem, conseqüentemente, de processar naturalmente os dados linguísticos expostos, no que tange ao processamento de palavras morfologicamente derivadas.

Diante do exposto, percebe-se a relevância dos estudos gerativistas e como foi oportuno à Teoria Gerativa envolver componentes inatos mediante a aquisição da linguagem. Os estudos nos mostram que verificar os aspectos internos que circundam a mente/cérebro do indivíduo são pontos importantes para entendermos como os sujeitos falantes de uma língua natural organizam suas sentenças, trazem à tona conhecimentos que são comuns a quaisquer falantes de uma língua e como a mente concatena os diferentes elementos constituintes de

uma sentença linguística. Com isso, o trabalho do linguista gerativista é analisar e explicar o comportamento gramatical, a fim de descrever da melhor forma possível o que rege a formação das sentenças.

Considerações finais

Neste artigo de revisão, tivemos o propósito de apresentar algumas considerações teóricas acerca das contribuições que o Gerativismo deu aos estudos em aquisição da linguagem, à luz do pressuposto teórico do inatismo. Para que esse objetivo fosse atingido, situamos a linguagem como propriedade da espécie humana, caracterizamos a faculdade da linguagem, dissertamos sobre o inatismo e elucidamos a realidade biológica da linguagem.

Após tais considerações teóricas, é possível compreender que a linguagem humana é um sistema complexo através do qual o homem exprime tudo o que existe em seu intelecto. A linguagem é, de fato, uma dotação genética que apenas a espécie humana possui e que os animais, nem mesmo após anos na história da evolução, não apresentam uma faculdade mental tão sofisticada como a vemos no ser humano.

Entendemos que as crianças, independentemente de sua origem cultural e de sua localização geográfica, desenvolvem-se linguisticamente de um modo mais ou menos semelhante porque todas têm inscrito em sua mente um dispositivo próprio para a aquisição e desenvolvimento da linguagem. Concordamos que tais conclusões foram possíveis pelos estudos científicos realizados por gerativistas ao longo dessas décadas em que essa teoria se consolidou e aperfeiçoou-se, corroborados, esses estudos, pela iniciativa científica de Noam Chomsky.

Não há como negarmos que a linguagem nasça com os indivíduos, se observarmos os estudos comparatistas entre o que é genético e o que é cultural. Da mesma maneira como o ser humano nasce com a tendência a andar eretamente usando as duas pernas, por predisposição biológica, por conformação anatômica e por fisiologia de equilíbrio, o homem nasce com a capacidade natural para, em contato com a língua usada por seu meio social, adquirir a linguagem e fazê-la desenvolver-se.

Essa capacidade em nada tem a ver com uma aprendizagem formal e sistematizada, já que, com tão pouco tempo de vida, as crianças exprimem ideias por meio de sentenças criativas e bem elaboradas do ponto de vista morfossintático e semântico da língua, sentenças,

inclusive, nunca antes produzidas. Frente ao exposto, essas são, portanto, algumas das várias contribuições que o Gerativismo deu aos estudos científicos em aquisição da linguagem.

Referências

BASTOS, Cleverson Leite; CANDIOTTO, Kleber Bez Birolo. **Filosofia da linguagem**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic structures**. Haia: Mouton, 2002 [1957].

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1976.

CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente**. São Paulo: Unesp, 2009.

CORRÊA, Letícia Maria Sicuro. O que, afinal, a criança adquire ao adquirir uma língua?: a tarefa da aquisição da linguagem em três fases e o processamento de informação de interface pela criança. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 7-34, 2007.

FERRARI NETO, José. Introdução: as bases e os objetivos da Gramática Gerativa. In: FERRARI NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Orgs.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: FIORIN, José Luiz *et al.* **Introdução à Linguística II: princípios e análises**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 81-110.

GLENDAY, Helen Candice. **Noam Chomsky: lingüística e filosofia**. 2008. 109f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2008.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LENNEBERG, Eric Heinz. A capacidade de aquisição da linguagem. In: CHOMSKY, Noam *et al.* **Novas perspectivas linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 55 – 92.

MAIA, Marcus (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015.

BORGES NETO, José. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina *et al.* **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos** – Vo. III. São Paulo: Cortez, 2011, p. 93-132.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; FINGER, Ingrid. **Teorias de aquisição da linguagem**. Santa Catarina: EDUFSC, 2007.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Editorial Caminhos, 1992.

SILVA, Beatriz da. A aquisição da linguagem numa perspectiva inatista. **Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. v. xxii. n. 6, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/06/01.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.

WALENSKI, *et al.* Brief Report: Enhanced Picture Naming in Autism. 2007. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2693347/>. Acesso em: 8 nov. de 2016.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

NOTAS INTRODUCTORIAS SOBRE ADQUISICIÓN DEL LENGUAJE EN LAS BASES DEL GENERATIVISMO

RESUMEN

En este artículo de revisión bibliográfica, objetivamos presentar, en forma de notas introductorias, apoyados en Chomsky (1957; 1965; 1976; 1995; 2009), una síntesis de los fundamentos teóricos del Generativismo, como teoría mentalista y cognitivista. Siendo el lenguaje un fenómeno que despierta el interés de la sociedad en general, su origen y su naturaleza siempre han sido la razón de innumerables especulaciones. Así, tenemos en vista al lector principiante de los estudios generativistas y que desea familiarizarse con los conceptos básicos de la Teoría Generativa sobre la adquisición del lenguaje humano. Entender, por lo tanto, ese proceso biológico de adquisición nos permite, por ejemplo, explicar las complejas estructuras gramaticales de las lenguas naturales y trazar glotopolíticas para su difusión y enseñanza.

Palabras clave: Adquisición del Lenguaje. Generativismo. Chomsky.

Envio: março/2021
Aceito para publicação: maio/2021